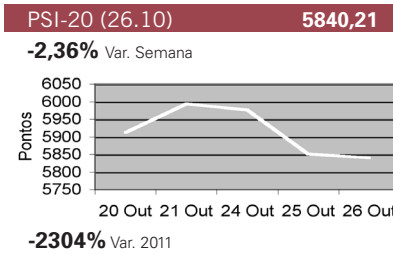


MERCADOS



Dow Jones 26/Oct..... 11760,51	DAX 26/Oct 6016,07
Var Sem2,23%	Var Sem1,73%
Var 20111,58%	Var 2011-12,99%
Nasdaq 26/Oct..... 2626,74	CAC40 26/Oct..... 3169,62
Var Sem0,88%	Var Sem0,39%
Var 2011-0,98%	Var 2011-16,69%
IBEX 35 26/Oct..... 8832,50	
Var Sem-0,19%	
Var 2011-10,41%	

COLABORAÇÃO: BANCO POPULAR

RUI AIRES DE QUEIROZ, AUTOR DE UM LIVRO SOBRE POUPANÇA, DÁ O ALERTA

“Portugueses desperdiçam dinheiro no consumo imediato em vez de investirem no seu crescimento”

SANDRA RIBEIRO
 sandraribeiro@vidaeconomica.pt

“Está no nosso sangue olhar para o nosso ‘prazer’ imediato, ou seja, gastar dinheiro em consumo, em vez de investirmos no nosso crescimento”. As palavras duras são do autor de um livro sobre poupança, Rui Aires de Queiroz. “Grandes vidas – viva melhor gastando menos” é o título da obra editada pela Marcador.

O especialista explica à VE que o desperdício dos portugueses reside no seu próprio paradigma de vida, aquele que nos foi passado pelos nossos pais e avós. Questionado pela VE sobre as áreas, onde mais precisamos de poupar, a resposta surge pronta: “no ego”. Rui Aires de Queiroz insiste na ideia que grande parte dos problemas que vivemos, atualmente, reside nos nossos hábitos culturais, na forma como nos comportamos. “Os portugueses gostam muito de se mostrar em sociedade, de mostrar o seu sucesso”, destaca. E acrescenta: “O desperdício que nós temos é, principalmente, no supérfluo, no telemóvel de última geração, no carro que mostra o nosso status, na roupa que tem ‘aquela’ etiqueta que tantos nos vai fazer subir na escala social.” Os resultados a nível pessoal são negativos, mas extrapolados para uma sociedade inteira são ainda mais desastrosos.

É para isto que nos alerta o autor ao referir que “esta postura gera, diretamente, enorme despesismo nas organizações, despesismo esse que é um atentado às pessoas que o fazem, aos seus filhos, familiares, vizinhos, sendo que, no final, ninguém ganha com esta postura”. E o aviso chega também às empresas quando estas, num ato de compra, preferem adquirir determinado bem a um conhecido, mesmo, quando ele é mais caro. “Além de tudo, esta postura gera uma ineficiência nas empresas, em Portugal, que acabam por se preocupar mais em ajudar os amigos do que a serem, de fato, eficientes naquilo que fazem”, revela. No final, as organizações perdem competitividade, restando-lhes “chorar” perante o Estado

quando percebem que os outros já estão à sua frente, diz Rui Aires de Queiroz.

Há sempre margem para poupar

Para o autor não há margem para dúvidas: há sempre margem para poupar, mesmo em tempos de crise, mesmo, para pessoas com baixos rendimentos. “Consigo dar a qualquer pessoa, com qualquer tipo de rendimentos, dicas úteis que lhe permitam reduzir a sua despesa, até a pessoas que ganham abaixo do salário mínimo.” O problema, considera, está, uma vez mais, naquilo a que nos habituámos ao longo do tempo. “As pessoas têm grandes dificuldades em se ajustarem para baixo, em perder aquilo que foi dado como adquirido e muitas vezes negam que o tenham de fazer”, explica Rui Aires de Queiroz.

Ainda assim, é sempre possível gastar menos em áreas como a água, supermercado, televisão paga. Aqui, o autor questiona, mesmo, as pessoas sobre a necessidade de usufruirmos deste serviço. “Será que a TV paga é fundamental na sua felicidade?” O mesmo tipo de questões se aplicam a outros gastos, como por exemplo, a casa, o carro ou os tempos livres. Se, no primeiro e segundo casos, podemos sempre optar por uma casa ou carro mais pequeno, por uma habitação mais próxima do emprego ou pelos transportes públicos, no último caso, a escolha pode ir para algo que é gratuito. Sendo que, em todo este processo, é sempre importante o planeamento. Para uma família em plenas dificuldades, revela o autor, o planeamento deverá ser diário, centímo a centímo. Já se o objetivo é atingir uma poupança de 20% a 40% do rendimento mensal, então, aí, as famílias poderão relaxar um pouco mais e optarem por um orçamento mensal, bem como um controlo mensal.

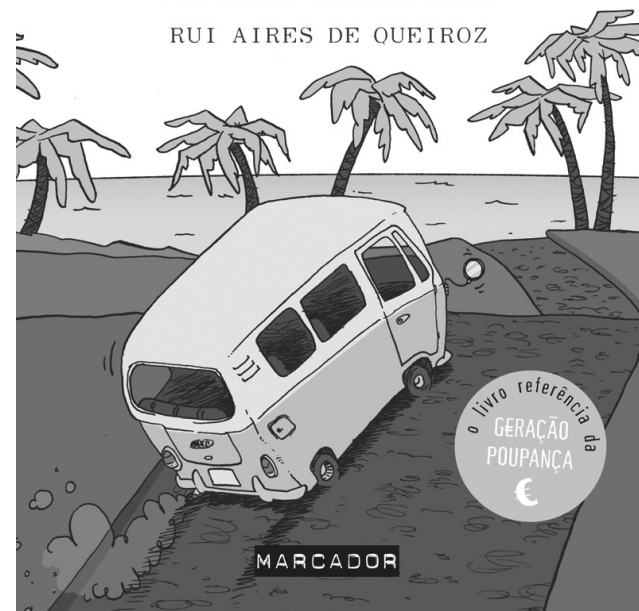
Tudo isto será mais fácil, contudo, se as pessoas interiorizarem, de facto, o conceito da poupança. De outra forma, vamos continuar, como até aqui, a hipotecar o nosso futuro. “O meu grande objetivo com este livro é despoletar o ‘momento de clarividência’ de cada um de

ESTE LIVRO VAI TRANSFORMAR
 AS SUAS FINANÇAS E A SUA VIDA

Grandes Vidas

VIVA MELHOR GASTANDO MENOS

RUI AIRES DE QUEIROZ



nós para uma vivência de poupança, para aquele segundo em que nos consciencializamos para o facto de termos de mudar, porque isso é melhor para nós e para quem nos rodeia”, remata.

ASSEGURA VICTOR FERREIRA, BRANCH DIRECTOR DA GRENKE PORTUGAL

Renting em TI alivia pressão sobre tesouraria das empresas

MARC BARROS
 marcbarros@vidaeconomica.pt

O renting informático tem vindo a tornar-se uma opção crescente por parte das empresas nacionais que, desta forma, reduzem custos e contornam as actuais dificuldades de financiamento. Segundo Paulo Alves, da Grenke Portugal, a quebra do volume de financiamento bancário às PME foi de 18%, o que “traduz o aumento da procura pelo renting”.

Falando no decurso do seminário “Abrir novos mercados e fidelizar clientes”, promovido por

esta empresa especializada em renting nas TI, Paulo Alves frisou que, “em 2006, apenas 3,6% das empresas usavam o renting”, sendo que a nível europeu “a taxa de penetração era de 25,5%”. Actualmente esta é superior a 35%, assegura.

De acordo com a empresa, optar pela locação, em detrimento da compra, acarreta benefícios consideráveis. Desde logo, a constatação de que “o verdadeiro valor do seu equipamento vem do seu uso, e não da sua posse. Isto é especialmente verdadeiro para os activos de rápida depreciação, como é o caso dos equi-

pamentos e ‘software’ da área das TI”.

E dá um exemplo: “Substituir um ‘desktop’ após três anos é mais eficiente ao nível de custo do que mantê-lo por um período mais longo. Isto acontece porque as economias no custo do ‘hardware’ são compensadas pelo aumento do custo de manutenção, suporte técnico e tempo de inactividade devido a falhas relacionadas com o equipamento”.

O renting permite aliviar a carga sobre a tesouraria das empresas, pois, “ao pagar a despesa do renting em prestações mensais, as empresas mantêm o seu capi-

tal circulante e linhas de crédito disponíveis para as actividades que produzem lucro”, sobretudo no “financiamento de baixo valor (dos 500 aos 50 mil euros) para o sector informático”, disse à VE Victor Ferreira, Branch Director da Grenke no Porto, que se escusou no entanto a revelar quais os custos e taxas praticadas pela empresa no renting em TI.

Mais ainda, garante, “as prestações do renting são 100% dedutíveis como despesas operacionais e não estão sujeitos ao imposto de selo sobre os juros e abertura de crédito”. Já o “IVA é normalmente dedutível, quan-

do não dedutível tem um menor impacto na tesouraria, uma vez que o seu pagamento é distribuído pela duração do contrato, incluído em cada uma das rendas”. Um outro benefício financeiro é “o facto de o renting manter a dívida da empresa fora do balanço, melhorando desse modo os rácios financeiros da empresa”.

Presente há três anos no nosso país, a Grenke já financiou equipamentos no valor de 24,18 milhões de euros, esperando crescer para 33,5 milhões em 2011. Segundo afirma, são “1025 as empresas que usam os serviços de renting da Grenke”.